



## **A rotina do *deadline*: um relato sobre as rotinas produtivas do Telejornal *Bahia Meio Dia*, da *TV OESTE*<sup>1</sup>**

Bruna Alves Pires<sup>2</sup>

José César dos Santos<sup>3</sup>

Faculdade São Francisco de Barreiras, Barreiras, Ba

### **RESUMO**

Responsável pelos estudos envolvendo rotinas produtivas no jornalismo, o Newsmaking comporta formas metodológicas diferenciadas para explicar o que é visto na práxis da profissão. Este artigo relata a pesquisa de campo realizada para a monografia de conclusão de curso, que teve como objetivo mostrar as rotinas produtivas da equipe que produz o telejornal *Bahia Meio Dia*, pertencente à grade de programação da *TV Oeste*, filiada a *Rede Bahia*, cabeça de rede da *Rede Globo*. Expõe opiniões coletadas em entrevista com a equipe de produtores, repórteres e editores, sobre o processo de produção e construção noticiosa do telejornal pesquisa.

**Palavras-Chave:** jornalismo, telejornalismo, notícia, valores-notícia, rotinas produtivas

### **Introdução**

Dentro dos estudos de jornalismo, o *newsmaking* é a hipótese contemporânea da comunicação responsável pelo estudo da sociologia da profissão, das rotinas produtivas, do intermediário que produz a notícia. A cultura profissional e as regras estabelecidas pelos meios de comunicação ganham ênfase nas pesquisas relacionadas a essa hipótese contemporânea.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

<sup>2</sup> Bacharel do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da FASB, email: [brunapiresrs@gmail.com](mailto:brunapiresrs@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da FASB, email: [cesarjsantos@hotmail.com](mailto:cesarjsantos@hotmail.com)



Para que a observação das rotinas seja feita de forma ampla e precisa, o *newsmaking* engloba uma metodologia de pesquisa diferenciada que permite ao pesquisador tratamentos de dados como diários de campo e a etnografia.

Os estudos etnográficos originados da antropologia se adequam muito bem quando se quer investigar a rotina de um determinado grupo social ou profissional. Aliada a este método, têm-se a observação participante na busca de entender de forma detalhada o comportamento dos sujeitos por meio do que é vivido com os personagens envolvidos no estudo.

VIZEU (2007) fala sobre as metodologias do *newsmaking* e nomeia a utilização da etnografia no jornalismo como uma visão provisória do que seria o *etnojornalismo*. Esta prática valoriza principalmente a subjetividade dos resultados, sobretudo a visão do pesquisador em relação à determinada rotina produtiva, tendo como resultado uma observação consistente sobre as práticas sociais do jornalismo que resultam em produções culturais. Este tipo de metodologia busca principalmente entender como, nas práticas diárias, os profissionais contribuem para a construção da realidade social, captando a realidade ao vivo, como expôs Cassetti, Chio *apud* Vizeu (2007).

Balizando-se nos princípios metodológicos estabelecidos pelo *newsmaking*, especificamente a escrita etnográfica, este artigo relata as rotinas produtivas da equipe de produção do telejornal *Bahia Meio Dia*, da TV *oeste*, filiada a *Rede Bahia*, cabeça de rede da *Rede Globo*. A pesquisa de campo foi realizada no período de 14 a 25 de setembro de 2009, e, diferentemente da linguagem científica convencional, o relato foi produzido em 1ª pessoa, com base em descrições e interpretações das informações obtidas em entrevistas aos membros da equipe que produz o telejornal em questão.

## **1 O Relato**

As entrevistas feitas com a equipe foram no período de 14 a 25 de setembro de 2009. Ao todo, foi uma semana de pesquisa na TV Oeste. Foram feitas seis entrevistas com repórteres, produtores, editor e chefe de redação, responsáveis pela produção diária do telejornal *Bahia Meio Dia*. Antes dos encontros, cinco roteiros diferenciados foram



produzidos, todos eles tinham o objetivo de saber sobre as rotinas produtivas do *Bahia Meio Dia* e também sobre a construção noticiosa, referente aos valores-notícia.

Muitos profissionais que fazem parte do jornalismo da *TV oeste* estão na área há pouco tempo, não chega a 10 anos de experiência na profissão. Alguns são jornalistas formados no curso de Comunicação Social com Habilitação em jornalismo, outros, são “jornalistas” forjados na experiência prática diária, formados em diversas áreas de conhecimentos, até em alguns cursos das ciências exatas. Uma das explicações para a heterogeneidade de formação acadêmica entre os profissionais de jornalismo da *TV Oeste* é a escassez de jornalistas com formação específica na área, qualificados no exercício das funções requeridas. Essa situação apesar de ser crítica, ainda não chegou a um nível insustentável, porque os diretores e responsáveis pela emissora ainda conseguem a contratação de jornalistas de outras cidades, ou então as vagas que existem são direcionadas a pessoas que demonstram desenvoltura para assumir tais atividades, principalmente, como produtores (pauteiros).

Embora as entrevistas tenham alcançado um resultado positivo, os entrevistados em alguns casos não responderam de forma efetiva os questionamentos lançados, situação que pode ser atribuída a uma série de fatores: falta de compreensão da questão levantada, indisponibilidade para responder; insegurança quanto ao conteúdo da resposta.

As indagações sobre que critérios de noticiabilidade são utilizados para construção das pautas, e também, o conceito de notícia, foram as questões que provocaram mais dificuldades de resposta. Na maioria das vezes em que foi pedido aos profissionais para que eles elencassem os elementos (valores-notícia) mais importantes na escolha dos fatos a serem noticiados, respondiam que levavam em conta assuntos mais próximos a realidade local. Por exemplo, a “proximidade” não é reconhecida de uma maneira clara pela equipe de produção jornalística como um valor-notícia fundamental.

Mais até do que a atualidade, o mais importante para a produção dos telejornais e principalmente o *Bahia Meio Dia*, é a valorização da proximidade como principal aspecto (valor-notícia) considerado para a construção do noticiário local. “Sempre



buscamos trazer assuntos que tenham a ver com a realidade local, que são de relevância para a comunidade e que tenha repercussão”, relata um dos pesquisadores.

Quanto ao significado do termo notícia, atribui-se a todo assunto que é de interesse do público, ou seja, aquilo que ele quer mais ver. Uma resposta superficial e quase um clichê dentro da profissão, já constatado por pesquisadores como Jorge (2006), ao afirmar que os jornalistas não conseguem conceituar com clareza o que é notícia:

A dificuldade em se conceituar notícia foi vista por Sigal (in Vizuet e Marcet, 2003: 55), quando observou: “Ninguém sabe o que são [as notícias]. O outro problema é que ninguém sabe o que significam”. Os autores sinalizam que, desse fato, deriva a “ausência de um critério compartilhado universalmente para distinguir o que as notícias são do que elas não são”. A determinação desse objeto de estudo é a preocupação de Alsina (1989: 27), quando reconhece que “a notícia, em concreto, é uma realidade complexa, diversa e mutante” e até mais: “uma realidade poliédrica, de que só conhecemos algumas das faces”. (JORGE, 2006, p. 02)

A partir desse pensamento exposto por Jorge (2006), percebemos que a conceituação de notícia de forma pouco aprofundada não é um problema específico da emissora analisada, mas uma questão que abrange a profissão de uma forma geral, e que se coloca como um dos fatores de termos as notícias que temos em telejornais, revistas, no rádio, no jornal impresso e na internet. Segue abaixo as conceituações sobre notícia coletadas durante as entrevistas com a equipe do telejornal *BMD*<sup>4</sup>:

- Notícia é um assunto que é de interesse do público, quanto mais interessar ao público mais se caracteriza o acontecimento como notícia;
- Notícia é tudo aquilo que as pessoas querem ver. É um fato que acontece naquele dia e que as pessoas vão ligar a TV e vão querer saber sobre este fato;
- Notícia é uma informação que não interessa isoladamente só a uma pessoa. Notícia é uma informação que interessa e vai interferir na vida de um número considerável de pessoas;
- Notícia é tudo aquilo que possa interessar a população, uma prestação de serviço, algo que esteja acontecendo na cidade que seja pertinente para a conduta do ser humano. Notícia é isso, algo que transforme e que acrescente na vida de um cidadão”;
- Notícia é muito relativo: tem as factuais, quando é uma novidade, e tem notícias que está aonde a gente não consegue ver na primeira olhada, que é preciso trabalhar e se pensar de que maneira que ela possa ser interessante para que de fato vire uma ‘notícia’. Como por exemplo: um assunto que não está muito claro para o público e que não é muito interessante, daí buscamos um contexto em que aquela notícia se torne interessante para podermos noticiar;

---

<sup>4</sup> Abreviatura de Bahia Meio Dia.



- Notícia é uma história que chama atenção de alguém, se por acaso esta história não chama atenção ela não se qualifica como notícia.

Diante dessas várias significações que colhi nas entrevistas, pude perceber o quanto os profissionais, como cita Jorge (2006), têm visões aparentemente ingênuas do que seria notícia, mas que não deixam de ser diversificadas. Balizada pelas significações de

notícias colhidas durante as entrevistas pude ver que em algumas conceituações que falam que notícia é “aquilo que as pessoas querem ver”, há uma certa semelhança com o que foi dito por alguns autores como Park (1972):

“Notícia é antes o fato de ser tão insólito que, publicado, surpreenderá, divertirá ou comoverá o leitor de tal sorte que seja lembrado e repetido. Pois a notícia será sempre, afinal, como Charles A. Dana a descreveu: 'algo que fará as pessoas falarem', ainda que não as faça agirem". (PARK, p.177)

Alguns entrevistados também chamaram atenção pelo fato de só conseguirem conceituar efetivamente notícia dando exemplos que na totalidade mostravam um acontecimento quente e outro mais frio. Também foi perceptível que alguns pesquisados não pensem em notícia como uma realidade poliédrica como diz Alsina *apud* Jorge, (2006). Percebi que os pesquisados objetivam retratar os “dois lados apenas de uma moeda”, buscam o contraste, por exemplo, de bem/mal, pequeno/grande, moderno/antigo.

Outra avaliação que fiz sobre o conceito de notícia é que embora a produção formule uma noção limitada sobre notícia, na práxis constrói notícias muito além do que conseguem conceituar. A equipe lida com a dificuldade de falta de acontecimentos factuais na região Oeste da Bahia e então precisam olhar para realidades que a princípio não são atraentes e nem se configuram como notícia. “Nossa maior dificuldade é a falta de acontecimentos factuais, assim somos mais exigidos a criar pautas interessantes, próximos do público e de assuntos do cotidiano”, declara um dos produtores.

Em uma das entrevistas com o Chefe de redação da emissora, ouvi uma resposta sobre a dificuldade inicial que a equipe acredita enfrentar sobre a falta de acontecimentos



factuais. Para o chefe de redação, isso não é necessariamente um problema, segundo ele, essa escassez é sanada com a criação de pautas mais trabalhadas sobre assuntos frios e

que estão sendo abordados a todo o momento, mas com um diferencial: a forma como o acontecimento é noticiado. “Não considero a falta de acontecimentos factuais um problema, cabe a nós que produzimos os telejornais, principalmente o *BMD* que nos dá espaço para isso, criar pautas boas, sobre assuntos do dia-a-dia das pessoas, mas contando sempre algo novo e interessante”. Um dos repórteres completa a afirmação do chefe de redação com a seguinte ressalva: “O assunto pode ser o mesmo sempre, mais o conteúdo é diferenciado. Uma matéria nunca será igual à outra, cada repórter vai trabalhar de acordo com a sua visão”. Fazendo relação com a afirmação do repórter, Traquina (1993) afirma que: “Os jornalistas não são observadores passivos mais participantes activos na construção da realidade”. (TRAQUINA, 1993, p 13)

Uma dificuldade concreta para o Chefe de redação da *TV Oeste* é a falta de profissionais capacitados na área de jornalismo, e, principalmente, o tempo destinado para a construção das pautas. Justamente por serem pautas que demandam um tratamento diferenciado, exigem uma maior pesquisa e um maior tempo para serem bem construídas. O tempo neste caso se torna um fator de contribuição ou um problema de acordo com o desenvolvimento da criação da pauta. “Barreiras não é uma cidade que tenha dados estatísticos, por exemplo, tão disponíveis, e quando precisamos de fazer a pauta encontramos isso como um fator que não combina com o pouco tempo que temos para produzir”, declara o Chefe de Redação. Ele ainda relata que em algumas vezes a falta de tempo faz com que pautas, que a princípio eram muito boas, tenham um resultado final não esperado, também devido à ausência de dados, ou até mesmo maior dedicação ao trabalho. “Não é raro fazermos matérias que pensávamos que iriam ficar muito boas e que no final não tiveram um resultado tão bom, são vários fatores que contribuem para o resultado de um material, mais a falta de tempo e de informação disponível é o principal”, finaliza.

A este fenômeno, constatado por ele, dá-se o nome de “distorção involuntária da informação”, problema que é explicado através da hipótese do *Gatekeeper* (guardiões do portão). A distorção involuntária consiste em uma manipulação inconsciente e não



sensorial referente ao modo pelo qual a informação está sendo organizada e institucionalizada e que, de maneira involuntária, em alguns casos omite e marginaliza os acontecimentos que poderiam muito bem ser informações importantes para boa parte dos telespectadores.

Tais distorções, por consequência, somam-se a outras motivações para que se buscasse compreender as influências dos processos informacionais de largo ou longo prazo, eis que a omissão constante, ou, ao contrário, a ênfase permanente em determinados temas, chegaria a interferir diretamente na percepção do mundo externo por parte dos receptores. (HOLFELDT, 2007, p 206)

De modo geral o jornalismo é uma forma de conhecimento que tem o tempo como maior vilão, a distorção involuntária é intrínseca nesse processo principalmente porque o jornalismo é a técnica de narração do presente e que é realizada em sua maioria sem uma contextualização mais aprofundada dos acontecimentos.

### **1.1 Rotinas de produção**

A produção diária do *BMD* é realizada por uma equipe composta por cerca de 12 pessoas que é a mesma para toda a programação local, ao todo três telejornais diários: *Jornal da Manhã*, *Bahia Meio Dia* e *BATV*. Por dia, devem ser criadas aproximadamente nove pautas para abastecer todos os telejornais que estão na grade de programação.

A rotina dos produtores é bem intensa sendo que, as nove pautas diárias são divididas entre eles quatro. Cada produtor então deve dar conta de três ou quatro pautas diariamente, apesar desse volume de trabalho, tudo é realizado em parceria: “A maioria das pautas é feita em quatro mãos. Também já tivemos pautas em que toda a equipe de produção e o chefe de redação produziam”. Percebe-se que o trabalho desempenhado pela equipe de pauteiros é sincronizado. A equipe de produção é subdividida em duas: a equipe matutina e a vespertina, composta por um repórter, um cinegrafista, dois produtores, um editor e o Chefe de redação.



A equipe matinal chega por volta das sete horas da manhã na emissora e começa a fazer uma ronda para procurar as informações em diversos setores da cidade, como postos de saúde, Polícia Rodoviária Federal, Prefeitura, entre outros, e ver o que a equipe vespertina do dia anterior deixou pendente para ser resolvido. Às 10:30, uma reunião de pauta é feita com produtores e o chefe de redação para a apresentação dos assuntos relevantes do dia e as notícias aprovadas nessa reunião de pauta são produzidas para o jornal do dia seguinte. O trabalho todo é feito com um ou dois dias de antecedência, a não ser para aquelas reportagens em série que demandam mais tempo para a produção. Após a reunião e determinação das pautas, a produção já procura outros assuntos que possam virar notícia nas próximas edições dos telejornais.

No período da tarde, outra equipe assume a produção, que realiza o mesmo trabalho desempenhado pela equipe da manhã. Reuniões de pauta, encaminhamento de matérias aos repórteres e rondas. Ao todo, são realizadas por dia de três a quatro reuniões de pauta. Pela manhã, logo cedo; no início da tarde, depois que o *BMD* foi ao ar; com os editores de outras praças, e em algumas situações extraordinárias, a depender da necessidade. “Às vezes, fazemos cinco reuniões de pauta por dia, por conta de modificações que devem ser feitas, ou então coisas que acontecem ao longo do dia que não estavam programadas”, declara o entrevistado.

Já o trabalho dos repórteres é inteiramente na rua, depois que as pautas estão agendadas, os encaminhamentos são feitos para aquele escalado no respectivo turno. Cada um recebe duas matérias e um *stand up*<sup>5</sup> ou vivo para ser feito durante o expediente. A depender da situação, às vezes são produzidos dois *stand ups* e uma matéria. Os *stand ups* em sua maioria são produzidos para o jornal *BMD*, que permite maior discussão e tem mais tempo no ar. As matérias e *stand ups* produzidos pelos repórteres tem em média de um a três minutos, e são matérias sobre assuntos variados, desde o mais leve até o mais intenso. “Temos que trabalhar com notícias factuais, mas também trabalhar com notícias que não sejam a nossa preferência como repórter. Como jornalista, temos

---

<sup>5</sup> Quando o repórter faz uma gravação no local do acontecimento para transmitir informações do fato. É usado quando a notícia que o repórter tem que dar é tão importante que, mesmo sem imagem, vale a pena.





que cobrir todas as pautas para ter o público sempre junto com a gente”, relata um dos repórteres.

O relato acima remete a uma das curiosidades da maioria dos meus colegas de sala e também de alguns estudantes dos outros semestres do Curso de Jornalismo da Faculdade São Francisco de Barreiras: “por que tantas notícias que a princípio não parecem ser notícia eram passadas no *BMD*?”. Para responder esta indagação então, dou o exemplo das receitas culinárias que aparecem constantemente como matérias no telejornal. Segundo a produção do *BMD*, matérias gastronômicas são muito apreciadas pelo público, e quando são veiculadas o *feedback* é positivo. “Não é possível fazer apenas notícias factuais em um jornal. (...) Por incrível que pareça em alguns casos uma notícia sobre uma receita de bolo tem mais repercussão do que qualquer outra notícia. Muitas vezes tem gente que fica esperando o jornal começar só para ver a receita. Além disso, o público faz sugestões, liga pedindo que mais receitas sejam mostradas no telejornal”, revela o entrevistado.

Esse relato demonstra que alguns assuntos não classificados inicialmente como uma notícia acabam despertando mais interesse, e são considerados mais importantes pelo público, do que um acontecimento quente enquadrado nos valores-notícia tradicionais. As matérias referentes à gastronomia pertencem ao grupo de assuntos que interessam muito ao telespectador, então, como um dos objetivos da TV é ter por perto seu público, muitas matérias são feitas sobre este assunto. Principalmente na TV, a busca pela fidelização do público com determinada programação é muito importante: audiência obtida junto aos telespectadores em determinado programa, aponta os horários de maior pico, conseqüentemente, isso também favorece a venda de espaços comerciais.

Os repórteres que estão nessa cobertura cotidiana relatam também que a falta de acontecimentos factuais na região dificulta o trabalho e desta forma todas as pautas são aproveitadas da melhor forma possível. As pautas só caem se por acaso o acontecimento não for nada do que era descrito na pauta, mesmo assim ainda há a tentativa de noticiar, mesmo que em uma nota coberta, o fato: “Entramos em contato com a produção e negociamos a melhor forma de noticiar os acontecimentos. Só derrubamos uma matéria



quando não tem jeito mesmo de ir ao ar. Se não der uma matéria, fazemos um *stand up*, uma sonora, uma nota coberta, sempre dá pra aproveitar de algum modo”.

## 1.2 A engrenagem produtiva da informação jornalística

Por ser uma rede, com uma série de afiliadas e ainda possuir regras e protocolos administrativos a seguir, o trabalho das tevês parceiras em todo o Brasil é realizado geralmente de forma cooperativa. A ideia de trabalho em equipe é muito forte nas redações de produção global espalhadas pelos vários cantos do país. Todas as decisões são tomadas em conjunto, e todos têm acesso à produção realizado pelas demais emissoras. Varias reuniões de pauta são realizadas por dia, e estas também são promovidas em conjunto com outras filiais da *Rede Bahia* e também com a própria cabeça de rede. “Trabalhamos através de um sistema integrado adotado pela *Globo*, o *INEWS*”, revela um dos produtores.

Conforme os relatos, o *INEWS* é um programa de computador que funciona veiculado a internet. Com ele, é possível desenvolver quase toda a produção jornalística. As pautas são feitas no programa, as matérias e as cabeças para os âncoras também são escritas através do *INEWS*. Além disso, o sistema integrado também proporciona a comunicação interna entre várias outras sucursais e a cabeça de rede. “Fazemos reuniões de pautas com eles pela manhã, através de um bate-papo, como se fosse *messenger*, com os editores da rede Bahia e também da *Globo*”, relata a editora. Todo o conteúdo produzido é disponibilizado para que todas emissoras outras possam acessar. “Sabemos o que todas as emissoras filiadas estão produzindo, só não podemos alterar conteúdo”, acrescenta. A descoberta do *INEWS* durante o trabalho de campo foi muito importante para entender melhor as rotinas produtivas de produção das emissoras afiliadas a *Rede Globo*. Percebi que nada é feito de forma individual integralmente, o *INEWS* torna-se então um espelho administrativo da produção jornalística global. Constatei que é bem mais difícil quebrar as regras e padrões jornalísticos/administrativos da Rede Globo pois há o acompanhamento estreito do trabalho desempenhado por uma afiliada numa cidade de médio porte como Barreiras (localizada no Oeste da Bahia) até o trabalho de uma praça do porte de São Paulo.

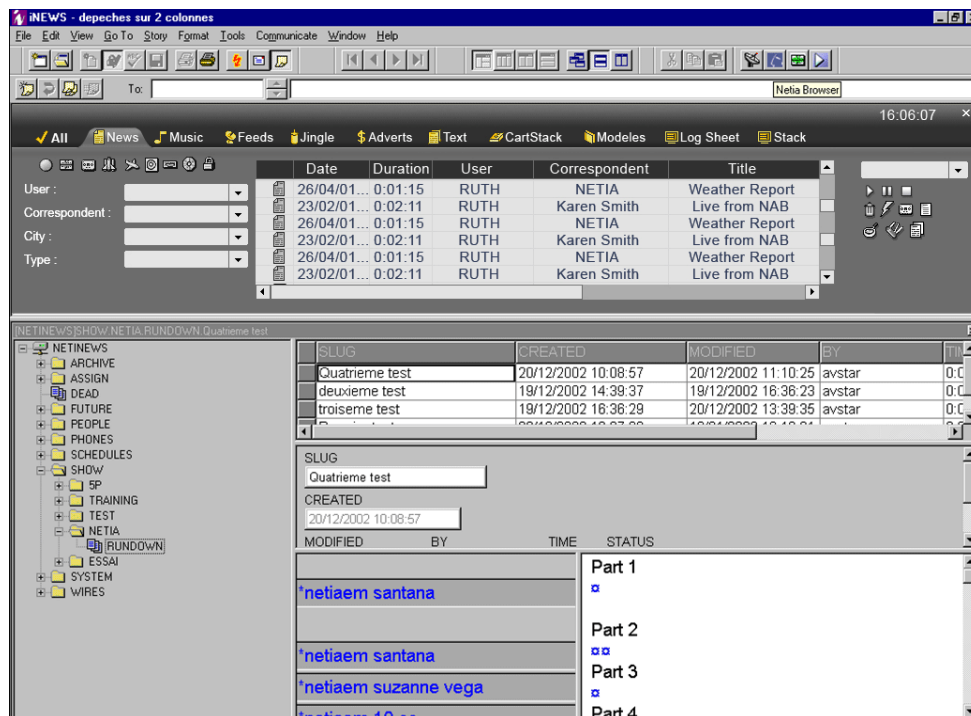


FIGURA N°02: Imagem em formato GIF do Sistema Integrado *INEWS*  
Fonte: disponível em: < [http://www.netia.net/us/produits/radio\\_assist\\_8/traitement\\_des\\_depeches](http://www.netia.net/us/produits/radio_assist_8/traitement_des_depeches)>

A padronização das rotinas jornalísticas seguidas pela produção que possuam pontos positivos e negativos, de acordo com os depoimentos anteriores, é importante para entender que a engrenagem jornalística da *TV Globo* e a sua dinâmica permanente, pois é um trabalho baseado na ação conjunta e forte monitoramento para que o padrão e a qualidade seja a mesma em qualquer lugar do país. Agora, um dos artifícios usados pelas cabeças de rede é valorizar as notícias das filiadas do interior no noticiário estadual. “O conceito de que somos uma rede tem se fortificado nos últimos tempos, agora as filiais fazem participações ao vivo no *BMD* do Estado, noticiando em nota coberta a principal notícia da edição do telejornal. É uma forma e valorizar as notícias do interior”, revela um dos repórteres.

Alguns entrevistados que se sentiram à vontade para falar mais profundamente sobre a linha editorial dos *BMD*, até chegaram a tocar em alguns assuntos de conhecimento e divulgação restritos pela *Rede Globo*. A Emissora não permite, por exemplo, a veiculação de notícias sobre sequestros em andamento, não noticia também atos suicidas. Segundo informações dos entrevistados, a *Rede Globo* entende que noticiar atos como estes, é incentivar para que o público faça também. Todos eles quando



falaram sobre este assunto me deram o mesmo exemplo, de um sequestro que aconteceu em Barreiras em agosto.

O citado sequestro chegou ao conhecimento da redação da *TV Oeste* através da ligação de uma mulher, que queria participar do “Quadro dos Desaparecidos”, veiculado no telejornal *BMD*. Segundo os entrevistados, a mulher afirmava que sua filha teria desaparecido. Uma matéria então foi feita sobre o caso, mas quando chegou ao conhecimento da *TV Bahia*, a divulgação não foi autorizada, pois o caso constava na delegacia como sequestro. “Liguei para a delegacia e pedi maiores informações sobre o caso. A polícia me informou que seria um caso de sequestro e a matéria não foi veiculada”, revela o Chefe de redação.

Por ser um grande conglomerado de comunicação, a *Rede Globo* possui regras como estas e que devem ser seguidas com rigor por todas as afiliadas e cabeças de rede. Para os profissionais que trabalham neste regime, há pontos positivos e negativos. Este foi um dos questionamentos mais perturbadores na construção das opiniões por parte dos entrevistados. Alguns inicialmente ficaram em dúvida, outros responderam com facilidade e não negaram os pontos negativos e outros demonstraram plena aceitação às regras determinadas pela *Rede Globo*:

- O maior problema é que a *Rede Bahia* não tem uma imagem muito definida do que seja a região Oeste e então às vezes temos que seguir padrões que não são muito adequados para a realidade local;
- Acho quem em todos os lugares, inclusive na nossa casa devemos ter regras e uma rotina, para que as coisas possam evoluir de uma maneira harmoniosa. Dentro da *Globo* é assim, dentro da rede toda é assim. Se até hoje a emissora tem tido uma repercussão e tem esse carinho do público por tantos anos consecutivos é porque estamos na receita certa;
- Não sei ao certo se a maneira da *Globo* fazer telejornalismo é a correta. O que sei é que a fórmula e as regras estão dando certo e a *Globo* é a maior escola de jornalismo deste país;
- Nos somos uma filiada e pertencemos a uma rede e temos que seguir tudo o que a cabeça de rede dita. É claro que em determinados momentos nós temos a nossa independência para fazermos o que acharmos mais conveniente, mas em alguns momentos nos sentimos proibidos de alguma forma, pois devemos seguir exatamente tudo o que a rede pede;
- De certa forma a gente se sente engessado pelo formato global de se fazer jornalismo, mas somos uma rede e isso também é bom porque fazemos um trabalho em conjunto. Mas não posso negar que existem insatisfações;
- Engessar não é a palavra mais adequada para caracterizar a linha editorial que devemos seguir. Temos a liberdade para fazer jornal, mas sempre fazemos uma consulta aos superiores em caso de dúvida.



## Conclusão

Ser narrador do presente não é uma tarefa fácil para um jornalista. Principalmente porque o mundo não para, os acontecimentos mudam a todo instante e o que parecer ser sempre igual deve ganhar uma nova roupagem pelo olhar de quem escreve, respeitando as regras que os meios de comunicação determinam sobre o que o público quer ver.

E, numa redação de telejornal do Oeste da Bahia, a rotina do *deadline* não é diferente do que na maioria de outras grandes equipes que estão nas metrópoles. Podemos dizer que a rotina de uma pequena equipe como a que produz o telejornal é até mais intensa, principalmente em virtude de fatores indiretos que são determinantes: a falta de profissionais capacitados, a rotina densa por conta da demanda diária que exige a produção diária de notícias, e, também pela falta de acontecimentos factuais e de informações contextualizadas sobre determinado fato.

Não bastasse isso ainda existe a distorção involuntária, presente na maioria das redações jornalísticas, fazendo com que o material jornalístico não saia necessariamente com o resultado inicialmente esperado. Como um conhecimento intermediário o jornalismo hoje é a junção de uma série de fatores que vão desde a visão do repórter sobre os fatos, até a rotina produtiva de toda a equipe. Antes de mais nada, o trabalho jornalístico está vinculado e condicionado pelas rotinas produtivas que constroem os acontecimentos e o resultado estará diretamente relacionado com todas as etapas de produção.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. 1ª Edição. Editora Vozes. Petrópolis – RJ, 2005.

BESSA, Kelly. Barreiras. 2009. 1 microcassete Sony. MC (60 min.): estéreo

CESCO, Thiago. Barreiras. 2009. 1 microcassete Sony. MC (60 min.): estéreo

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmáticas do Jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. 2º edição. Editora Summus São Paulo-SP, 1994.



CRUZ, Hildejane. Barreiras. 2009. 1 microcassete Sony. MC (60 min.): estéreo

ESCOSTERGUY, Ana Carolina. **Os estudos culturais**. In: HOHFELDT, Antonio; Martino Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga(Orgs.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 7º edição. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2008.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. **A estrutura do noticiário estrangeiro: A apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros**. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”**. 1ª edição. Editora Veja. Lisboa, 1993.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 4ª Edição. Editora Record. Rio de Janeiro – RJ, 2000.

HEROCK, Carlos Augusto. Barreiras. 2009. 1 microcassete Sony. MC (60 min.): estéreo

HOHFELDT, Antonio. Hipóteses Contemporâneas da Comunicação. In: HOHFELDT, Antonio; MARTINO Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 7º edição. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2008.

JORGE, Thaís de Mendonça. Notícia e os valores-notícia. **O papel do jornalista e dos filtros ideológicos no dia-a-dia da imprensa**. UNIrevista - Vol. 1, nº 3, julho 2006. Universidade de Brasília - UNB, Brasília, DF.

JORGE, Thaís de Mendonça. **Manual do foca. Guia para a sobrevivência dos jornalistas**. 1ª edição. Editora Contexto São Paulo- SP, 2008.

JUNIOR, Luiz Costa Pereira. **A apuração da notícia: Métodos de investigação na imprensa**. Editora Vozes. Petrópolis-RJ, 2006.

KATZ, Elihu. **Os acontecimentos mediáticos: o sentido de ocasião**. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”**. 1ª edição. Lisboa. Editora Vega, 1993.

MOTA. Ronimarkes. Barreiras. 2009. 1 microcassete Sony. MC (60 min.): estéreo

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise pragmática da narrativa jornalística**. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 1ª edição. Editora Vozes. Petrópolis – RJ, 2007.

PARK, Robert E. **A notícia como forma de conhecimento: um capítulo da sociologia do conhecimento**. In: STEINBERG, Charles S. (org.) **Meios de comunicação de Massa**. 2ª Edição. Editora Cultrix. São Paulo – SP, 1972.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. 1ª Edição. Editora Vozes. Petrópolis – RJ, 2006.

PORCELO, Flávio A. C. **Mídia e poder: Os dois lados de uma mesma moeda – A influência política da TV no Brasil**. In: VIZEU, Alfredo Eurico Pereira Junior, et al. **Sociedade do Telejornalismo**. 1ª edição. Editora Vozes. Petrópolis-RJ, 2008.

RÜDIGUER, Francisco. A Escola de Frankfurt. In: HOLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da comunicação**. Editora Vozes, Petrópolis – RJ, 2008.



TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”**. Editora Veja. 1º Edição. Lisboa. 1993.

UILLIAM, Alexandre. Barreiras. 2009. 1 microcassete Sony. MC (60 min.): estéreo

VIZEU, Alfredo Eurico Pereira Junior; CORREIRA, João Carlos. **A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência**. In: VIZEU, Alfredo Eurico Pereira Junior (Org.), et al. **A Sociedade do Telejornalismo**. 1ª edição. Editora Vozes. Petrópolis - RJ, 2008.

VIZEU, Alfredo Eurico Pereira Junior. **O newsmaking e o trabalho de campo**. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 1ª edição. Editora Vozes. Petrópolis – RJ, 2007.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Editora Presença. 4º Edição. Lisboa. 1995.